

10.

PERU.IMPROV

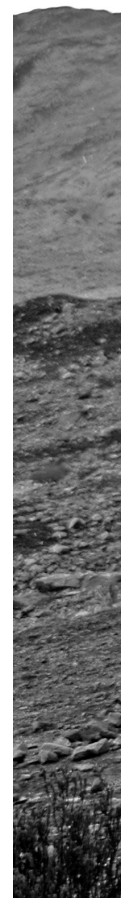
Gabriel Lester
Julho de 2006

ROAD do CAPACETE leva à soleira da minha porta, e um convite para trabalhar e viajar um bocado pela rodovia Pan-americana foi oferecido e aceito. A jornada levaria de Lima (Peru) a Quito (Equador). As pessoas perguntavam: “O que você vai fazer?” Minha resposta era que eu tinha feito muitas coisas nos últimos anos e que, provavelmente, eu faria uma ou algumas daquelas coisas por lá. Lentamente, no entanto, um conceito do que poderia acontecer começou a tomar forma.

Quando se pensa num *road-movie*, o princípio é o de que entre o começo e o final de uma jornada uma história seja desdobrada. Isso é uma narrativa linear. Uma história contada em diferentes níveis no tempo e no espaço é uma narrativa paralela. Eu imaginei um *road-movie* construído como uma narrativa paralela. Em vez de os eventos ocorrerem uns depois dos outros conforme a estrada é atravessada, tudo pareceria acontecer ao mesmo tempo. Com essa ideia e um monte de confiança no Helmut Batista e na minha própria habilidade para conectar pessoas e improvisar, eu deixei o Rio de Janeiro e fui para o Peru.

Em Lima, tanto Helmut quanto eu fomos convidados para falar no La Culpable – um espaço gerido por artistas. Depois, nos encontramos com vários artistas e curadores locais, alguns dos quais poderiam nos aconselhar sobre aonde ir e o que ver. Logo depois, deixamos Lima rumo aos Andes. Me senti como um pioneiro, sendo guiado pela intuição e pela oportunidade. E, enquanto dirigia em meio à natureza impressionante, fazíamos paradas regulares para filmar uma cena ou sequência. A ideia de criar um filme paralelo nunca saiu do projeto, mas o confronto com a dureza das nossas viagens e a necessidade do trabalho diário em condições imprevisíveis alterou as regras do conceito para que ele pudesse caber na realidade.

O que ocorreu comigo durante os primeiros dias da viagem foi que, se eu ia trabalhar com os moradores locais, quase sempre de maneira improvisada no instante, eu deveria trabalhar de modo que



eu pudesse parar o carro, montar a câmera e começar a filmar. O princípio parece simples e fácil, mas para evitar exoticismos gastos e/ou imagens turísticas, eu precisava a todo tempo desafiar as imagens que eu fazia. Isso levou a uma série de cenas improvisadas – filmadas durante toda a jornada pelo Peru – em que de início eu documentaria objetivamente uma cena ou locação. Assim, eu documentei o que estava acontecendo “de verdade”; nada havia sido orquestrado, coreografado ou alterado. A segunda fase envolveu trabalhar a imagem documentada – de pessoas e locações – e transmutar o documento objetivo em um documento altamente subjetivo. Dessa forma, uma cena “natural” havia virado “artificial”. Um jogo entre realidade e ficção foi cuidadosamente construído.



Man of Action, 2006. Foto: Helmut Batista.

Após deixar os Andes e retornar a Lima, viajamos para a cidade de Iquitos, no meio da selva amazônica. O artista colombiano-espanhol Raymond Chaves se juntou a nós, acompanhado da artista peruana Gilda Mantilla. Ambos estavam pesquisando os trabalhos que a Bienal de São Paulo de 2006 havia encomendado a eles. Por carro e principalmente por barco, nós quatro viajamos pela selva e pelo rio Amazonas, ao mesmo tempo em que preparávamos e filmávamos cenas. Depois de alguns dias de parada em Iquitos, retornamos a Lima e pegamos a estrada rumo a Quito, no Equador. Ali, não tivemos a oportunidade de continuar o trabalho, mas fomos convidados para falar na Universidade Católica de Quito.

Durante todo o projeto/jornada ROAD, atravessamos desertos, montanhas, o oceano Pacífico, a selva e, finalmente, a capital do Equador. Durante tudo isso, as cenas para o projeto foram filmadas, junto de fotos e outros documentos em vídeo gerados na espontaneidade dos momentos. Agora, a maioria do material digital está amadurecendo em algum disco rígido. No futuro próximo, com uma mistura boa de tempo, uma pitada de pós-produção e um toque de drama, os trabalhos serão servidos. Mas falando sério, o projeto ROAD foi enormemente produtivo e inspirador, me deixando com um monte de frutos para serem colhidos e apropriados de alguma maneira. No momento, isso me parece um momento de luxo, já que muitas das cenas filmadas funcionaram muito bem, e há muito potencial para diversos trabalhos ou direções a serem exploradas. O tempo vai mostrar se o trabalho final vai ser uma edição em paralelo, uma experiência linear ou uma seleção de cenas improvisadas que narram pequenas aventuras...

